



CABELOS CRESPOS: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?

Neuza Jorge Rodrigues¹
Rosilda Alves Bezerra²

RESUMO: O presente trabalho busca colaborar com a ressignificação da identidade do negro, abordando a questão da simbologia do corpo e dos cabelos para a construção da identidade do estudante negro a partir da obra literária: *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*, de Neusa Baptista Pinto em turmas do 8º ano e 9º ano, de uma escola pública da rede estadual de ensino da Paraíba. O referido estudo discutiu a problemática de efetivação da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, propôs atividades para os alunos ter acesso aos textos literários com a presença de personagens negros. Partimos da hipótese de que a partir de atividades significativas com obras de Literatura Afro-brasileira é possível que a escola amplie o conhecimento dos alunos, permitindo-lhes (re) conhecer a cultura de matriz africana. O método de pesquisa empregado foi o de pesquisa-ação, no qual se buscou compreender, explorar, descrever e intervir no contexto real do ensino de literatura afro-brasileira. Os autores que embasaram a pesquisa, foram: Fanon (2008), Gomes (2006), Lima (2011), Quintão (2013), Cosson (2014), entre outros. Os resultados apontaram para a importância da aplicabilidade da Lei 10639/03 no contexto escolar, visto que o trabalho realizado promoveu uma mudança de postura, contribuindo para a ressignificação da identidade do negro.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/03; Literatura afro-brasileira; Identidade; Ensino.

Introdução

As pessoas com cabelos crespos, geralmente, no contexto escolar, são vítimas de apelidos, o que gera situações de conflitos e afeta diretamente a autoestima do estudante que sofre as ofensas, comprometendo o seu rendimento escolar, e até mesmo, levando-o a desistência dos estudos. Desse modo, é imprescindível que a escola promova atividades voltadas para uma educação que reconheçam, respeitem e valorizem as diferenças, conseqüentemente, motivando uma convivência ética.

Assim, com as ações interventivas, suscitadas pelo projeto “Cabelos Crespos: O que a escola tem a ver com isso?”, buscou-se colaborar com a ressignificação da identidade do negro, abordando a questão da simbologia do corpo e dos cabelos para a construção da identidade do estudante negro a partir da obra literária: *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*, de Neusa Baptista Pinto, tendo como base a lei 10639/03. Procurou-se também conhecer o valor atribuído aos cabelos por

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba/ Docente da Educação Básica na Escola Estadual Marechal Almeida Barreto – Juazeirinho-PB. E-mail: neujor12@yahoo.com.br

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba/ Docente do Programa de Pós Graduação Profissional em Letras – UEPB. E-mail: rosildaalvesuepb.yahoo.com.br

diversos povos na história da humanidade e promover atividades valorativas da beleza negras.

Para isso, foram realizadas atividades de pesquisa, leitura e produções de textos orais e escritos, envolvendo a problemática dos cabelos crespos. Para atingir esse fim, buscou-se diversificar os recursos empregados em sala de aula e usar metodologias para despertar o interesse dos alunos, envolvendo-os nas atividades para promover uma aprendizagem significativa.

Através das ações do projeto “Cabelos Crespos: o que a escola tem a ver com isso?” procurou-se motivar, despertar a curiosidade e efetivar a participação dos alunos nas aulas de língua portuguesa, oportunizando o protagonismo estudantil através de atividades, tais como, leitura compartilhada, debate, pesquisa, confecção de cartazes, ensaio fotográfico, desfile.

Durante a execução do projeto, de agosto a outubro de 2015, foi possível obter a participação efetiva dos alunos nas atividades desenvolvidas em sala de aula, além de uma autoestima elevada dos alunos com cabelos crespos envolvidos nas atividades. Conseqüentemente, houve maior interesse nos conteúdos ministrados nas aulas de Língua Portuguesa, pois as atividades desenvolvidas refletem o contexto em que estão inseridas, articulando-os com outros saberes, tais como, históricos e geográficos. Permitiu, ainda, o trabalho coletivo, bem como enfatizar a importância da leitura e da escrita, visto que são instrumentos que possibilitam a compreensão do contexto em que se está inserido e a capacidade de interferir quando necessário.

AÇÕES DESENVOLVIDAS, DADOS E DISCUSSÃO

A literatura no ambiente escolar, como sugere Cosson (2014), deve ser explorada adequadamente para ser um local de conhecimento e a leitura implica troca de sentidos entre leitor/autor e sociedade em que estão inseridos, uma vez que os sentidos é o resultado das visões de mundo compartilhadas entre os homens no tempo e no espaço.

É a partir dessa visão que se procurou pensar as relações étnico-raciais brasileiras e principiar o trabalho de efetividade da lei 10639/03 em uma escola pública da Paraíba. Para isso, apresentou-se a turma o projeto, através de uma exposição dialogada. Em seguida, orientou-os para observar as características físicas de cada um, conduzindo-os a



reflexão da diversidade étnica constituinte da sociedade brasileira. Vale ressaltar que as atividades planejadas procuraram seguir as orientações de Cosson (2014) sugeridas na sequência básica do letramento literário na escola que consiste em motivação, introdução, leitura e interpretação.

Logo após foram apresentados o autor e a obra, justificando-se a razão da escolha da obra literária e iniciou-se a leitura da obra *Cabelo ruim?* A história de três meninas aprendendo a se aceitar, de Neusa Baptista Pinto que conta a estória de três amigas que enfrentam de maneira diferente o preconceito com os cabelos crespos. Com o passar do tempo descobrem a beleza dos cabelos, ao mesmo tempo em que a amizade se fortalece.

Distribuídas as cópias do livro *Cabelo Ruim? A estória de três meninas prendendo a se aceitar*, os estudantes observaram a capa do livro identificando título, subtítulo, autor, ilustradora, editora.

Para motivar a leitura do texto, a professora interrogou se os alunos já ouviram ou falaram essa expressão: Cabelo ruim. Todos os alunos afirmaram que sim. A professora perguntou a quem se referiam? Responderam que o termo era usado para as pessoas que tinham cabelos ruins.

A aluna T.G. disse:

– *Eu já usei a expressão cabelo ruim para me referir as pessoas negras*

A aluna F.M falou:

– *Essa expressão também é usada para os brancos que tem cabelos cacheados.*

A Aluna L.V ponderou:

– *É usada para as pessoas brancas ou negras que tem o cabelo danificado pelo uso de produtos químicos.*

A professora continua a exposição e o diálogo com questionamentos aos discentes referentes ao que o cabelo teria feito para ser considerado ruim? Os alunos disseram:

– *Nada, que eles eram assim e pronto, nasciam desse jeito.*

Em seguida, questionou se o adjetivo “ruim” estava bem empregado e qual adjetivo poderia substituí-lo. A turma foi unânime em dizer que o adjetivo era inadequado e sugeriram os adjetivos cacheados, bonitos, lindos,



cheirosos, encaracolados, crespos. De acordo com Silva (2010), a leitura de textos literários com a representação dos negros como protagonistas, que criam imagens belas são favoráveis para o desenvolvimento da autoestima do negro e do orgulho de ser quem são, da sua história e da sua cultura.

Em seguida, foi realizada a leitura oral do capítulo “Conhecendo as meninas”, depois foram lembradas as características de um texto descritivo. Logo após realizou-se a exibição da primeira parte – Infância – do documentário “Raiz Forte”; direção: Charlene Bicalho; Brasil, 2012. A atividade seguinte consistiu em entregar a cópia do texto “A história dos cabelos” para os alunos realizarem uma leitura silenciosa, comentar e evidenciar o que chamou a atenção. Alguns destacaram o cabelo rastafári, o Black Power e a informação de que os cabelos para os homens são sinônimos de força e virilidade e para as mulheres, de sedução. De acordo com Quintão (2013, pp. 23-24):

O cabelo tem sido um tema recorrente na história da humanidade, estando presente na religião, na mitologia, em fábulas e no dia-a-dia dos seres humanos. Diversas religiões entendem o cabelo como um símbolo de vaidade e sensualidade exigindo de seus praticantes que seus cabelos sejam cobertos, cortados ou até raspados como prova de devoção e/ou desprendimento. Na mitologia o cabelo é muitas vezes representado como símbolo de força, virilidade e poder, como no caso de Sansão, por exemplo. Já Rapunzel usou suas longas madeixas para ajudar seu príncipe a lhe salvar da torre onde estava aprisionada; ou seja, seu cabelo foi o viabilizador do seu sucesso e uma ferramenta essencial para que alcançasse seu desejo. O cabelo reflete modismos, tendências, preferências e crenças. Ele possui grande relevância cultural, tanto no Brasil quanto no mundo, em especial no que diz respeito à etnia.

Por exemplo, para o negro, o cabelo tem uma significação mais importante que para os brancos, uma vez que ele tem uma conotação política relevante, tanto de resistência quanto de estigma. Assim, um trabalho que procure ressignificar a identidade negra, tem de dar pertinência à questão do cabelo. Os estudantes se mostraram empolgados e curiosos com as informações apresentadas no texto. Na exposição dialogada, destacaram a influência da mídia nos penteados usados, dos produtos capilares disponíveis e dos cabeleireiros. Encerra-se a aula com a leitura do capítulo “O cabelo das meninas”.

Após a leitura do capítulo “O problema tá dentro da cabeça” é realizado um debate acalorado sobre preconceito velado. Os estudantes expuseram que sempre fazem



“brincadeira” com pessoas negras e com cabelos crespos e acreditam que não estão fazendo nada demais.

De acordo com Quintão (2013), o papel do cabelo na sociedade brasileira é fixamente cobrado das mulheres, na forma de preconceito que pode ser expresso tanto de maneira velada, como por exemplo, comentários sobre o cabelo rebelde de uma funcionária em uma sala de reunião, quanto de modo mais evidente, como em algumas propagandas que prometem conservar os cabelos “lisos, brilhantes e sem frizz por até 24 horas”, ou que sugiram que a mulher negra precisa ter cabelos lisos para ser considerada bonita.

Num primeiro momento, os alunos elencaram expressões preconceituosas repetidas no cotidiano que eles julgavam inofensivas. Porém, depois de refletir sobre o assunto, falou-se na necessidade de se repensar atitudes, pois a relação entre as pessoas deve ser baseada no respeito. A aluna T.G., mesmo sendo interpelada pela professora, não se pronunciou. Será que começou a repensar a sua postura ou preferiu não criar polêmica?

Depois da leitura do capítulo “As bonecas de Ritinha”, o qual mostra a tomada de consciência de Ritinha, que não tem como sentir orgulho de sua raça/etnia, visto que não possuía referenciais que até as bonecas que possuía eram brancas, com olhos azuis e cabelos loiros e lisos. Ritinha, ao colocar todas as suas bonecas lado a lado, percebe que não havia nenhuma boneca com o cabelo como o dela: loiros, loiros encaracolados, lisos, pretos lisos, até azuis, mas nenhum igual ao dela. Partiu para a TV e decidiu ficar em frente ao aparelho até que surgisse uma menina com o cabelo como o dela. Quando já estava para desistir, apareceu uma menina, mas os cachos eram mais definidos. Nesse momento, ela se pergunta como é que ela pode achar o cabelo dela bonito, se não vê em lugar nenhum cabelo como o dela?

A professora indagou se alguém já possuiu uma boneca preta e apenas quatro alunas respondem afirmativamente. A aluna L.V. pondera que a boneca que tinha era negra, mas não tinha cabelos, já a aluna T.S. expõe que a dela tinha os cabelos pretos e lisos. Segundo Quintão (2013), as primeiras bonecas produzidas no Brasil seguiam o modelo estético das bonecas francesas com a pele alva, bochechas rosadas, olhos azuis ou verdes, cabelos loiros e lisos.

A informação de que as bonecas produzidas no Brasil seguiam um modelo



eurocêntrico, que dificilmente correspondiam aos perfis das crianças brasileiras é reforçada por uma reportagem publicada em 2012 na Revista Época On-line³. De acordo com a reportagem, desde 1980, as bonecas negras revendidas pelos fabricantes da Mattel “eram apenas uma versão pintada do modelo da clássica loira. Agora, a boneca ganhará feições realmente negras, com lábios mais cheios, nariz mais grosso e bochechas mais pronunciadas”. Sendo assim, só a partir de 2012 que as crianças negras passam a ter contato com bonecas associadas aos traços característicos da sua raça/etnia.

Após o diálogo para averiguar quantos alunos possuíam bonecas negras, foi sugerido que formassem grupos e confeccionassem bonecas negras para presentear uma criança negra da cidade. A aluna T.G afirmou que não tinha habilidade para confeccionar e sugeriu comprar uma boneca e aplicar um dos estilos de cabelos estudados em sala, pois a maioria das bonecas negras é careca. Sugestão acatada pela maioria. Com essa atividade finalizada nesse momento, foram apresentadas algumas brincadeiras afro-brasileiras.

Os alunos optaram por confeccionar as bonecas de pano e representou o cabelo rastafári, o cabelo trançado, o Black Power com luzes, cabelos lisos. O que a princípio pode parecer que os alunos não compreenderam a dimensão política dos cabelos dos negros e tenham por certo que o cabelo que define o negro é o cabelo crespo, encaracolado, porém, eles estão indo além da visão estereotipada e assumem a posição de que o negro pode ter o cabelo que ele quiser: liso, com luzes, sem luzes, com química, sem química etc. Como afirma Gomes (2008, p.57):

(...) é bom sentir o cabelo crespo como aquele que nos oferece múltiplas possibilidades de penteados, questionava se o alongamento, o relaxamento e a escova podem se configurar como opções de quem, de alguma maneira, se espelha no padrão estético do outro do branco. Ao mesmo tempo, questionava se essa forma de pensamento não representa cair no discurso do “aprisionamento”, que retira de nós, mulheres e homens negros, o direito de mudar de lançar mão dos recursos da tecnologia para manter um penteado mais prático, assim como as mulheres brancas.

³ Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT97757-16367,00.html>> Acesso em 12 de junho de 2015.



(...) depois de conhecer e compreender que a manipulação do cabelo é uma prática comum nas diversas culturas e que, entre os negros, possui raízes ancestrais africanas, essa tensão diminuiu.

Após a leitura do capítulo “A negrinha na TV” foi realizada uma exposição dialogada, na qual os alunos constataram a inserção mínima de atores negros de destaque nas novelas e a mínima participação nos comerciais. Para Quintão (2013), a televisão é um dos meios empregados pelas indústrias de produtos capilares para despertar, direcionar e reforçar uma cultura de consumo, determinando os desejos, o que é considerado bonito, sedutor e esperado da aparência.

Diariamente somos bombardeados por imagens e mensagens do que é considerada a fachada pessoal ideal para nós. Recebemos “dicas” de como devemos nos vestir, nos alimentar, de como devem ser nossos corpos e, mais precisamente, nossos cabelos, também. Tais mensagens são reforçadas por nossos “ícones sociais” – artistas, políticos e outras celebridades que sejam alvo de nossa admiração – que, de maneira geral, aderem à moda vigente, acatando a regras impostas pela mídia, muitas vezes até endossando produtos e serviços, nos sugerindo seu consumo. Diversas dessas mensagens, todavia, são enganosas (QUINTÃO 2013, p.72).

Nesse contexto, torna-se imprescindível que os jovens encontrem os seus traços fenótipos representados sejam em brinquedos ou nos ídolos para que se reconheçam e tenham contato com outro padrão de beleza que difere do eurocêntrico.

Em seguida, foi realizado o jogo “Quem é a pessoa” para os alunos identificarem os nomes dos atores/atrizes negros (as) brasileiros (as). Os alunos divertiram-se com a atividade, dos dezesseis artistas apresentados acertaram o nome de seis, reconheceram a fisionomia de três e recordavam de alguns papéis desempenhos por três dos artistas apresentados.

Na continuidade dessa atividade, realizou-se a leitura oral do capítulo “Cabelo crespo”, seguida da exibição da segunda parte – “Adolescência e Juventude” – do documentário *Raiz Forte*, direção: Charlene Bicalho; Brasil, 2012. Logo após, foi proposto um ensaio fotográfico com as (os) alunas (os) que possuem cabelos crespos. Inicialmente, a proposta não foi bem aceita, os estudantes disseram que tinham vergonha e temiam que as pessoas fizessem “brincadeiras” desagradáveis.

Explicou-se que o ensaio fotográfico seria realizado por um profissional e o intuito era, justamente, evidenciar a beleza negra e os cabelos crespos. Os alunos pediram dois



dias para pensar e procuraram se informar melhor como seria realizado, pois como expõe Fanon (2008) em um mundo branco, as pessoas de cor sentem dificuldades em elaborar e aceitar o seu esquema corporal. O conhecimento do corpo ocorre unicamente através da negação, o que, acredita-se, tenha influenciado na primeira negativa dos alunos e alunas.

Confirmada a resistência, foi sugerido que os estudantes com pele negra, morena, com cabelos crespos e cacheados poderiam participar. Assim, vinte e sete alunos da comunidade escolar pesquisada se dispuseram a participar. Durante as negociações as alunas V. e M. demonstraram interesse na ideia, mas afirmavam que não sabiam se iam participar.

Em uma conversa particular a aluna V. disse que não gosta de fotos nem mesmo tiradas no celular. Mesmo com toda a argumentação, as referidas alunas decidiram não participar e confidenciaram às colegas de classe que não iriam por causa dos cabelos.

Segundo Gomes (2008), sobre os negros recaem a discriminação e o preconceito racial em decorrência dos costumes, tradições e história desse grupo e dos sinais diacríticos inscritos no corpo que marcam o pertencimento étnico.

No prosseguimento da aula realizou-se a leitura oral e compartilhada do capítulo “A amizade cresce e o cabelo aparece”. Depois, exibiu-se a terceira parte – “Vida Adulta” – do documentário: *Raiz forte*, direção: Charlene Bicalho; Brasil, 2012. Os alunos, de modo espontâneo, verbalizaram a dificuldade de aceitar os cabelos e que iam procurar trocar o adjetivo ruim por crespo. Foram combinados os ajustes finais para a feira cultural.

Apenas dezessete alunos compareceram para fazer o ensaio fotográfico, pois alguns ônibus responsáveis por buscar os alunos de determinados sítios não compareceram. A produção das meninas começou pelos cabelos, seguida pela maquiagem e, por fim, a composição do *look*. À medida que a cabeleireira e as maquiadoras interviam na aparência dos estudantes, paulatinamente as expressões faciais e comportamentais modificavam-se. A aluna A.S, ao presenciar o penteado e a maquiagem da aluna V.S disse que não queria ser maquiada, que era estranho e demonstrou certa angústia.

A Cabeleireira falou sobre a beleza dos cabelos e dos penteados negros. As maquiadoras enfatizaram o poder da maquiagem e perguntaram se a aluna já havia se maquiado. A aluna A.S disse que fez apenas uma vez e que teve alergia. As maquiadoras



fizeram um acordo com a aluna. Fariam a maquiagem e se ela não gostasse, poderia retirar. A aluna tranquilizou-se e concordou com a proposta. Feita a maquiagem afirmou que gostou e foi uma das que se dispôs a desfilar na feira cultural.

Com o recesso escolar, a Feira Cultural, da maneira como foi pensada inicialmente, não pôde acontecer. Entretanto, como no último dia de aula, aconteceria um evento da escola, o desfile foi inserido nas festividades escolares e aconteceu em via pública.

Os estudantes que participaram do ensaio fotográfico deixaram evidente que as palavras e expressões: “bonita, bela, como você é linda!; Olha que lábios perfeitos! Menina que cabelos lindos são esses! Não acredito que você nunca soltou esses cabelos, eles são lindos!”; proferidas pelas cabeleireiras, maquiadoras, colegas antes e durante o ensaio fotográfico refletiram na autoestima deles. Talvez, para alguns deles, foi à primeira vez que receberam elogios. O que fez com que apreciassem a beleza dos seus corpos.

As alunas que desfilaram, falaram que apesar do nervosismo adoraram a experiência dos aplausos do público presente. De acordo com Gomes (2008, p. 95), “o ato de desfilar, de se expor, de mostrar-se, contribui para a construção de uma autoestima positiva dos jovens pobres e, principalmente, negros”.

Analisar os dados faz com que seja perceptível uma mudança no olhar para si mesmo, um aumento da autoestima. Percebe-se também que houve uma transformação positiva no sentido de que a beleza está além dos padrões ditados pela sociedade eurocêntrica. Como enfatiza Gomes (2008, p.147):

Cartazes, imagens, cores (...) privilegiam um negro visto como bonito, exaltam a pertinência a esse grupo étnico-racial, colocam em destaque o corpo e o cabelo do negro. Essa convivência, somada a outras experiências, como a participação em desfiles afros, poderá resultar numa mudança positiva na construção da autoimagem das futuras gerações. Poderá quem sabe, equacionar o sentimento de rejeição/aceitação.

É importante que a escola promova ações nas quais os alunos possam ter um contato com texto, imagens e situações de ensino aprendizagem que valorizam o corpo, o cabelo e a história do negro.

Considerações finais

Para a efetivação da lei 10639/03, no contexto escolar, é indispensável que o



professor tenha o conhecimento de obras de literatura Afro-brasileira e que sejam disponibilizados materiais literários e pedagógicos que contemplem o ensino das relações étnico-raciais.

A partir disso, é possível propor ações afirmativas na educação básica, ao inserir a literatura afro-brasileira no processo de ensino-aprendizagem e para proporcionar uma visibilidade à história, à literatura e à cultura de matriz africana.

Nesse sentido, o estudo da literatura e da cultura Afro-brasileira possibilitará ao aluno o enriquecimento de seu repertório cultural, a valorização da diversidade, o prazer de ler textos literários e de pensar criticamente os textos que lê.

Por outro lado, fica evidente que para que haja a resignificação da identidade negra e a ampliação de uma convivência ética tanto entre os alunos como as demais pessoas na sociedade é necessário, dentre outras ações, que a escola no seu cotidiano proporcione ao estudante o contato com a literatura afro-brasileira, a história, a força, o heroísmo dos africanos e do afro-brasileiro.

O trabalho desenvolvido com a obra literária em sala de aula permitiu que os alunos tivessem o primeiro contato com a literatura afro-brasileira e com as temáticas de matriz africana, suscitando a resignificação da identidade negra.

O livro *Cabelo ruim? A estória de três meninas aprendendo a se aceitar*, de Neusa Baptista Pinto, permitiu a percepção e o enaltecimento da beleza negra. A cada atividade desenvolvida os alunos repensaram a sua visão de beleza e a percepção dos cabelos crespos, evidenciados nos adjetivos atribuídos. Na fase diagnóstica, os adjetivos para se referirem aos negros e cabelos crespos eram “estilosos”, “diferentes”. Após a fase interventiva os atributos empregados para se referir aos cabelos e aos negros foram “lindos”, “bonitos”, “Black Power”, “crespos”.

Além disso, a experiência vivenciada com o ensaio fotográfico que permitiu aos alunos ser elogiados pela aparência, pelo modo de pentear o cabelo e de se maquiar gerou um novo olhar para si mesmo, para o seu corpo, o que principiou o reconhecimento da beleza negra. O depoimento das alunas corroborou com o posicionamento dos alunos envolvidos no projeto, que puderam enxergar a beleza da pele negra e dos cabelos crespos de modo positivo.

O ensaio fotográfico corroborou a necessidade de se criar mais referenciais para as pessoas negras e com cabelos crespos, visto que, alguns dos alunos com essas



características se recusaram a participar por causa da exposição e dos comentários das outras pessoas.

Também ficou claro a desenvoltura da aluna E.L que assume o seu cabelo e sente-se bem com ele. Já as alunas A.S; A.X; V.S, dentre outras, descobriam a beleza que possuíam no momento em que o cabelo foi penteado e a maquiagem concretizada, com excelente recepção em seu comportamento. As referidas alunas chegaram caladas, inibidas e depois conversavam entre si, aceitavam a imagem que via refletida no espelho, nas fotografias, e ao afirmar que estavam lindas e que iriam desfilar.

Depois do trabalho, ficou evidente a compreensão de que é necessário promover o respeito ao outro, o reconhecimento, aceitação e valorização das diferenças como sendo traços positivo e não, negativos, das pessoas, bem como a da necessidade de se conviver de maneira ética, respeitando a diversidade étnica de um país plurirracial, como o nosso. Porém, sabe-se que esse comportamento é influenciado pelo ambiente externo que, na maioria das vezes, age de maneira contrária, o que gera uma tendência ambígua nos alunos que participaram do projeto, ora reproduz, ora reflete sobre seu comportamento.

Entretanto, o trabalho com a diversidade deve ser um trabalho cotidiano no ambiente escolar, caso contrário, apesar de a experiência ter sido exitosa, o caráter de excepcionalidade não sustentará uma mudança que seja significativa e que tenha efeito de alteração de paradigmas no imaginário da comunidade escolar, o que favorecerá a volta aos velhos hábitos, crenças e comportamentos.

O primeiro passo foi dado, entretanto, é preciso que a leitura de obras de literatura afro-brasileira seja uma constante no contexto escolar e que haja outros projetos de intervenção em sala de aula e a inserção da comunidade escolar nas discussões sobre a temática.

Assim, quem sabe, o aprendizado em sala de aula refletirá nas relações da sociedade, pode surgir uma convivência mais ética e possibilitar, portanto, a construção de um contexto de respeito às diversidades. Por fim, se faz necessário que a leitura de textos literários propicie o contato com o prazer estético, bem como permita a reflexão sobre a realidade circundante.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa et al. **Literatura africana e afrobrasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

BRASIL, **Lei 10.639/2003**. Brasília: MEC, 2003

_____. **Lei 11.645/2008**. Brasília: MEC, 2008

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

FANON, Frantz.. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira, Salvador: EDUEFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In: Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Org. MUNANGA, Kabengele. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar**. 3ª ed. Cuibá: Tanta Tinta Editora, 2010.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2013

SILVA JR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: Unesco: 2002.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br